

## COLÔNIA MERGULHÃO

### O TURISMO RURAL SOB A ÓTICA DE UMA SOCIOLOGIA RURAL

Edson Rodolfo Garrido Motta<sup>1</sup>

#### RESUMO

As reflexões apresentadas decorrem do trabalho de campo junto a Colônia Mergulhão e seu Circuito de Turismo Rural de São José dos Pinhais conhecido como Caminho do Vinho. Nesse sentido, este artigo visou trazer um olhar para além da normatividade conceitual inerente ao turismo rural sob a ótica sociologia e, com isso, diversos elementos do rural passam a ter papel relevante e que, naturalmente, são visualizados pelos visitantes em Mergulhão. O caminho metodológico se deu por meio de observação participante e notas de campo. Como resultado, percebemos que a Colônia Mergulhão não está representada apenas pelo seu circuito de turismo rural, mas por sua imutabilidade e pela sua capacidade de reinvenção diante da complexidade da própria modernidade.

**Palavras – chave:** Turismo Rural, História, Configuração do Espaço Rural.

#### ABSTRACT

The reflections presented derive from fieldwork at the Mergulhão Camp and its Rural Tourism Circuit in São José dos Pinhais known as the Wine Path. Therefore, this article aimed at bringing a look beyond the conceptual rules inherent to rural tourism from the sociology point of view, and with it, several elements of the rural tourism setting start to have a crucial role and, naturally, are viewed by visitors at Mergulhão Camp. The methodological approach was through participant observation and field notes. As a result, we realized that the Mergulhão Cologne is not only represented by its rural tourism circuit, but by its immutability and its ability to reinvent itself in the face of the complexity of its own modernity.

**Keywords:** Rural Tourism, History, Rural Set.

---

1 Mestre em sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFPR. E-mail: edamb08@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo demonstrar aspectos relevantes da configuração do espaço rural e que estão além do que se apresenta no Circuito de Turismo Rural<sup>2</sup> Caminho do Vinho da Colônia Mergulhão, no município de São José dos Pinhais/PR. Com isso, a Colônia Mergulhão é o objeto de pesquisa pela sua peculiaridade de conformação histórica, proximidade com grande centro urbano, ao sua persistência agrícola tem contribuído para um olhar sobre uma ruralidade que não está “engessada” à normatividade conceitual do turismo rural. Para a realização da análise desse processo trabalhamos com os dados empíricos pautados em muitas observações em todo o espaço rural que pertence ao objeto estudado.

Ao tomarmos por base a perspectiva normativa conceitual do turismo rural à luz do resgate dos valores da tradição e da cultura local e dos possíveis benefícios econômicos, certamente, estaremos deixando de levar em conta a diversidade de aspectos que demonstram a capacidade de ressignificação e transição diante de uma “pretensa” urbanização do campo.

Para referendar a discussão e a análise, metodologicamente a pesquisa se balizou na observação participante e notas de campo. Complementadas com o recurso de fontes primária e secundária. O recurso de algumas imagens auxilia na percepção do que pensamos sobre essa outra configuração do rural que se apresenta na Colônia Mergulhão. Por fim, este trabalho está dividido em quatro seções: a primeira trata brevemente da formação conceitual do Turismo Rural a segunda traz um breve panorama histórico da Colônia Mergulhão e do respectivo circuito; no terceiro uma análise da configuração do espaço rural de Mergulhão; e por último as considerações finais.

---

2 O entendimento de Circuito de Turismo Rural neste trabalho também se utilizou de seu abreviamento Citur.

## TURISMO RURAL: A PERSPECTIVA CONCEITUAL

O Turismo Rural é um segmento que se fortalece na medida em que se contrapõe ao “clássico” e “saturado” turismo de sol e praia. A procura por lugares com menor aglomeração, do contato íntimo com a natureza, de acomodações simples, porém confortáveis, acrescidas de melhorias na infraestrutura de acesso e da valorização histórico-cultural, potencializam condições de inserção e de crescimento deste segmento.

O Turismo Rural no Brasil apresenta dificuldade de definição<sup>3</sup> em virtude da dificuldade de consensos, da gama de diversificações decorrentes da atividade e de sua consequente especialização. Com isso, o turismo rural acaba por ser uma atividade geral no espaço rural, ou muitas vezes visto, como sinônimo de segmentações como o agroturismo, o ecoturismo e o turismo de aventura. Isso é constatado nas abrangentes, estapafúrdias e insatisfatórias definições apresentadas por um órgão governamental, a EMBRATUR ao definir que o:

Turismo rural tem um conceito múltiplo, um turismo diferente, um turismo doméstico, turismo integrado, turismo endógeno, turismo alternativo, agroturismo e turismo verde. É o turismo “do país”, um turismo concebido por e com os habitantes desse “País”, um turismo que respeita a sua identidade, um turismo da zona rural em todas as formas. (EMBRATUR, 1994, p.71).

Para simplificar esta questão conceitual, Silva & Campanhola considera que:

Turismo rural está relacionado a qualquer atividade de lazer e turismo que seja realizada em áreas rurais, envolvendo além do agroturismo, outras atividades não relacionadas a propriedades agropecuárias produtivas, ou com produção agropecuária. (SILVA; CAMPANHOLA, 2000, p.148).

---

3 Para saber mais sobre a diversidade conceitual de Turismo Rural ver mais na dissertação Turismo no Espaço Rural: As transformações socioambientais no Caminho do Vinho em São José dos Pinhais/PR, UFPR, 2013.

Em conceituação elaborada pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar em conjunto com o Ministério do Turismo (2003), o turismo rural é definido como:

[...] conjunto de atividades desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade. (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2003, s. p.).

No sentido de nortear o turismo rural o MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário com a participação do MTur – Ministério do Turismo, em 2004 foi instituído o Programa de Turismo Rural na Agricultura Familiar. Este programa contou com o apoio da Rede de Turismo Rural na Agricultura Familiar-REDE TRAF, uma rede constituída na articulação nacional de instituições governamentais e não governamentais, de técnicos e agricultores familiares organizados, que atuam nas atividades de turismo rural. De acordo com o referido programa, se definiu o conceito de turismo rural na agricultura familiar como:

A atividade turística que ocorre na unidade de produção dos agricultores familiares que mantêm as atividades econômicas típicas da agricultura familiar, dispostos a valorizar, respeitar, e compartilhar seu modo de vida, o patrimônio cultural e natural, ofertando produtos e serviços de qualidade e proporcionando bem estar aos envolvidos. (MDA, 2004, p.5).

O anseio da sociedade urbana pelo contato com o ambiente rural e natural, agregado ao fator cultural, indubitavelmente, engendram trocas de experiências que podem sensibilizar para a revitalização do meio rural e do meio urbano, porém tem que se ter em conta as consequências que a aproximação entre indivíduos do meio urbano e do meio rural desencadeia na configuração social, principalmente, nas normas e valores dos modos de vida de quem vive no campo.

Ainda nesse sentido, em palestra realizada no I Encontro Regional de Turismo Rural no Paraná, em 17 de abril de 2001, no Município de Colombo/PR, o então Presidente da ABRATUR – Associação Brasileira de Turismo Rural, Renato Bravo enfatizou que a prática do turismo rural deve estar intimamente ao cotidiano do homem do campo e que para ser verdadeiramente rural, tem que “ter

comprometimento com a produção agropecuária” e que não sendo atendida tal condicionalidade, não se poderia considerar turismo rural.

Para, além disso, já se denota que o pragmatismo e a superficialidade conceitual deixa de aprofundar as consequências atinentes a aproximação entre indivíduos do rural e do urbano, da significação do rompimento da fronteira entre o espaço rural e meio urbano, e o que a constituição de tal relação tem propiciando ao conjunto de atores envolvidos nessa dinâmica imbricada na diversidade de interesses e expectativas. Nesse sentido WANDERLEY (2004) vê o espaço rural como um espaço de vida que se constitui em:

um lugar de vida de trabalho; a principal referência, neste caso, é aos agricultores familiares e aos trabalhadores rurais ainda residentes no campo. Mas é preciso também levar em conta, os que “passam” pelo meio rural, deixando sua marca, especialmente, os turistas e os chamados residentes secundários; outros agentes que, mesmo sem residir no campo, também atuam nos processos econômicos e sociais que tem como lócus o meio rural, entre os quais assumem especial peso: os proprietários de terras e proprietários rurais; as agroindústrias, o Estado- visto aqui, sobretudo, através de suas políticas para a agricultura e meio rural, de seus representantes, agentes e instituições de serviços diversos e de suas instâncias de poder local (WANDERLEY, 2004, p.96).

Diante desta perspectiva que o olhar sociológico tem buscado contribuir para elencar e pensar como a gama de elementos que compõe e influenciam o espaço rural da Colônia Mergulhão, tendendo, com isso, a redimensionar a percepção dos visitantes a esse local.

## HISTÓRICO DA COLÔNIA MERGULHÃO

Não se sabe com exatidão quando as terras da Colônia Mergulhão<sup>4</sup> foram adquiridas e divididas entre imigrantes italianos e poloneses, mas, acredita-se que deva ter sido, aproximadamente, ao final do século XIX, resultado de uma política

---

4 A Colônia Mergulhão pertence ao Município de São José dos Pinhais/PR. São José dos Pinhais além de fazer parte da Região Metropolitana de Curitiba é o sexto município do Estado do Paraná e um dos maiores em extensão territorial. Em termos populacionais é a segunda na região metropolitana de Curitiba com 264.210 habitantes de acordo com o último censo do IBGE (2010), sendo que deste total, 236.895(hab.) concentram-se na área urbana e 27.315 estão na área rural.

pública de colonização para as áreas rurais da região. Esta colônia recebeu pessoas de colônias próximas- como a Murici, e de famílias que vieram diretamente da Europa. Entre os imigrantes que se fixaram e dividiram as terras estão os italianos e poloneses. Atualmente as propriedades, chácaras e estabelecimentos comerciais, em sua maioria, são identificados pelos sobrenomes das famílias imigrantes.

Marochi em sua pesquisa histórica sobre a colônia Mergulhão conta que os italianos em sua maioria eram provenientes de regiões agrícolas do país de origem, e que já tinham a concepção de produzir diversos produtos em pequenas áreas, e ao chegar ao Brasil deram sequência às atividades que já eram conhecidas precedentemente. Tanto italianos como poloneses praticavam a policultura - plantavam milho, feijão, mandioca, batata-doce, mandioca, diversos legumes, assim como, diferentes animais – vacas leiteiras, aves e porcos. Os italianos iniciaram a cultivar seus parreirais aonde as primeiras mudas vieram diretamente de seu país.

A produção era basicamente de subsistência, e só se vendia um pouco do excedente para adquirir dinheiro para comprar o que não era possível produzir na propriedade. A comercialização com as pessoas que vinham da Capital eram baseadas nas relações pessoais e de confiança. Como consequência dessa relação o trabalho assalariado para os mais jovens se amplia na região.

Ao longo de sua história, na Colônia Mergulhão entre a década de 1970 e 1980 a produção agropecuária foi a atividade que teve o apoio via extensão rural e financiamento público com a finalidade de modernizar o processo de produção de leite, e por meio do associativismo, oportunizar a compra de máquinas para a lavoura. Nessa época Ferreira e Corona contam que "mediante a ação cooperativista e, por vezes, da ACARPA (hoje EMATER), que ocorriam cursos de aperfeiçoamento e o estímulo ao envio dos filhos para cursos em outros locais onde a produção de leite era mais moderna [...]" (CORONA; FERREIRA, 2012, p.128).

Esse período foi marcado pela prosperidade das famílias e pelo investimento do poder público em infraestrutura como luz elétrica, melhoria das estradas, que por sua vez, aproximou a Colônia Muricy, sendo esta, o núcleo de saúde e educação para ambas as colônias (CORONA; FERREIRA, 2012).

Junto a essa característica produtiva, algumas famílias atuaram com serraria, olaria, moinho de fubá, trigo, cereais, mercearia, casa de “Secos e Molhados” e produção e incipiente comércio de vinho. Em meados de 1980, segundo Queiroga (2003) a produção de leite na Colônia Mergulhão entrou em crise devido ao aumento de custo de produção e da redução do preço pago por litro de leite.

Tal crise redirecionou e intensificou a produção de olerícolas e de vinho na comunidade. Queiroga (2012, p.75) afirma que “desde a década de 1980, a quantidade de uva produzida nos parreirais existentes na comunidade já era insuficiente para a fabricação do montante de vinho comercializado”.

A partir da década de 1990 a característica do sistema agrário na Colônia Mergulhão direcionou para a produção de vinho, leite e derivados e olerícolas. Congruente a essa dinâmica, na referente década, tem-se a presença de forte investimento industrial no Município de São José dos Pinhais, o que acarretou em uma ocupação de uma variedade de médias e grandes empresas, praticamente, tangenciando a Colônia Mergulhão. De acordo com Lopes et.al(s/d) a criação do “Distrito industrial atraiu uma acelerada ocupação imobiliária, tanto de nível popular como de chácaras”. O rápido crescimento do Distrito industrial apresentou sérios problemas de impacto ambiental como lançamento de esgoto no rio Pequeno<sup>5</sup>sem tratamento. Foi a partir dessa nova dinâmica que se estabelece uma mudança que afeta diretamente a Colônia Mergulhão no que tange à agricultura. A respeito dessa reorganização produtiva Queiroga (2012) retrata esse panorama conforme o quadro a seguir:

---

5 A Colônia Mergulhão encontra-se dentro da Área de Proteção Ambiental do Rio Pequeno, que de acordo com Lopes et.al(s/d). este Rio é protegido ambientalmente pelo Decreto Estadual nº1752/96 – que institui a APA na área de manancial da bacia hidrográfica do Rio Pequeno, denominada APA Estadual do Pequeno., localizada no município de São José dos Pinhais, com área aproximada de 6.200,00 há.

**QUADRO 1 - DINÂMICA E DIFERENCIAÇÃO DO SISTEMA AGRÁRIO DA COMUNIDADE DE Mergulhão, SÃO JOSÉ DOS PINHAIS – de 1990 a 2004**

<b>Caracterização Sistema Agrário Período</b>	Oleícolas, uvas-vinho/derivado e leite 1990 a 2004
<b>Ecossistema Cultivado</b>	Redução de pastagens e aumento de cultivos agrícolas
<b>Meios de Produção: Instrumentos de produção, cultivos agrícolas e animais domésticos</b>	Máquinas e implementos agrícolas. Oleícolas, uva, leite e peixe, grãos (milho e feijão)
<b>Força de trabalho</b>	Mão de obra familiar
<b>Modos de artificialização do meio</b>	Uso de adubos químicos e agrotóxicos. Construção de tanques e represas
<b>Divisão social do trabalho</b>	Agricultura, agroindústria, vinho e derivados, pecuária leiteira e Atividades de turismo
<b>Excedente agrícola; relações de troca</b>	Comércio com Nutrimental S.A., CEASA, mercados, laticínios, e consumidores de Oleícolas, leite e vinho
<b>Condicionantes de transição para sistema agrário seguinte</b>	Aumento de demanda por produtos coloniais e atividades de turismo rural

FONTE: Queiroga, 2012.

Nesse período, o espaço rural da Colônia Mergulhão ainda resguardava uma ruralidade com características do passado e da “inércia”, sem calçamento, as estradas de “chão batido”, não havia presença de grande circulação de pessoas e de automóveis, a agricultura e a visualização dos parreirais eram marcas contundentes da paisagem local.

Com o reconhecimento dessas características que a partir do incentivo do PNMT<sup>6</sup> surgiu ao final de 90 do século XX a proposta de projeto de criação do Circuito de Turismo Rural Caminho do Vinho na Colônia Mergulhão, com o escopo no resgate cultural e de complementação renda para os atores sociais locais.

6 PNMT – Programa Nacional de Municipalização do Turismo.



## **OLHAR SOCIOLÓGICO SOBRE A CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO RURAL NA COLÔNIA MERGULHÃO**

Do ponto de vista da sociologia rural a compreensão da realidade da dinâmica do desenvolvimento no espaço rural da Colônia Mergulhão não está imbricada apenas a trama social e socioeconômica local, mas, sobretudo, ao conjunto qualitativo da relação intrínseca do homem e a natureza.

O espaço rural exposto aqui, de forma sintética, se direciona de acordo com as perspectivas propostas por Wanderley (2001), em que a autora, acredita ser possível pensar o espaço rural em dupla face. “Em primeiro lugar um espaço físico diferenciado” com referências a construção social, ocupação territorial, estrutura material e as condições de uso da terra, dos recursos naturais, das paisagens naturais e construídas das relações campo-cidade. “Em segundo lugar, enquanto lugar de vida”, das relações de parentesco e de vizinhança, ou seja, das coletividades rurais de onde se vê e se vive o mundo.

Ainda que dentro do Circuito de Turismo Rural da Colônia Mergulhão a presença do contato dos visitantes com a natureza se denote entre alguns empreendimentos que integram o mesmo, é inexorável levar em conta a existência e desenvolvimento de uma incipiente agricultura orgânica, conjugada, à permanência da agricultura convencional que representa o modelo produtivista pautada no uso de insumos industrializados e que objetiva atender a complexa imposição econômica de mercado.

Atrelada a este quadro agrícola, o rural no Mergulhão apresenta, também, uma diversidade de paisagens, de outras ações antrópicas como as melhorias estruturais (sinalização, luz e parte de vias de acesso), mas que, sobretudo, se sobressai pela arquitetura contemporânea das residências permanente ou secundárias, assim como, pela arquitetura colonial que resiste ao processo de modernização. Por mais que estes elementos não estejam presentes diretamente no Circuito de Turismo Rural, o fato de permear e promover o contato com um espaço rural não prioritariamente produtivo incide em um olhar para outra ruralidade.

Nesse sentido é que permite pensarmos a existência de um turismo rural que oportuniza um contato com o cotidiano de vida dos atores locais, com ambiente e natureza local como esta demonstrada nas **figuras (1 e 2)**.

**FIGURA 1 - PRODUÇÃO AGRÍCOLA**



FONTE: O autor (2012).

**FIGURA 2 - PAISAGEM DA PRODUÇÃO RURAL**



FONTE: O autor (2012).

Tais imagens contrapõem à dinâmica determinante proveniente de autores que vêem o fim do rural (Silva, 1997) como consequência do processo de urbanização do meio rural. A presença da agricultura permite acreditar que esta atividade na Colônia Mergulhão está longe de sua extinção. O trabalho singular do agricultor na sua lavoura dá lugar à percepção contemplativa desse modo de vida ao visitante que circula pelos diferentes cenários que possui Mergulhão.

Atualmente persiste às produções agrícolas diversificadas, com a presença de morangos, do milho, da diversidade de verduras e de pequenas roças, que, por sua vez, constituem em elementos que incitam a outro tipo de circuito. Um circuito de uma sociabilidade ligada à terra que, indiretamente, reflete na paisagem do espaço rural. Perante esse panorama a perspectiva de uma visão urbanizada e homogeneizador dominante sobre o rural, ainda, não se efetiva na realidade da Colônia.

É notável observar na figura abaixo, como o sistema tradicional de criação de animais constitui outro aspecto de representação do rural. A pequena criação remete as formas de subsistência do pequeno produtor, em que o leite, a carne, a lã, o couro, são a constatação de uma possível relação de trocas não apenas econômicas, mas simbólicas para que tem a oportunidade de se por em contato tal ambiente. Esse simbólico condiz tanto para o agricultor que resguarda a identidade rural, quanto ao visitante que tem a oportunidade de conhecer o estilo de vida rural.

**FIGURA 3 - CRIAÇÃO DE PEQUENOS ANIMAIS**



**FONTE: O autor (2012).**

Outro fator relacionado ao processo produtivo animal em Mergulhão se refere a sua própria ruptura, pois no fim do século XX havia e persistia a criação de gado para produção e comercialização de leite. Já no início do corrente século tal atividade não se constitui como um ativo para conformar renda para o pequeno agricultor. Agora a produção está voltada para derivados de leite como o queijo. Para Brandenburg; Souza (2012, p.282) estamos diante de “uma agricultura e a um espaço rural capaz de constituir sistemas produtivos ou adotar estratégias que permitem tirar proveito da diversidade de demandas que o meio urbano lhe coloca”.

Seguindo este quadro contextual, na Colônia Mergulhão a inserção de empresas agroindustriais dentro de espaço rural pode-se considerar incipiente. A figura abaixo traduz não a oposição dicotômica do urbano ao rural, e sim, de um lado da rua a construção industrial e do outro lado, o ambiente rural.

**FIGURA 4 - COMPOSIÇÃO AGROINDÚSTRIA NO ESPAÇO RURAL**



**FONTE: O autor (2012).**

Ao percorrer o Circuito de Turismo Rural da Colônia Mergulhão só há uma agroindústria que chama atenção pela imponência de sua estrutura. Talvez por ser a única em tal espaço é passível pensar que sua interação e composição visual não se sobreponham à área que abrange a Colônia, porém a predominância do tamanho da edificação já denota os custos que sua construção e permanência têm engendrado à natureza – corte de árvores nativas e poluição do ar - no espaço de vida local.

Diante desse cenário o visitante tem a condição de perceber as diferenças entre uma criação artificial humana que está de um lado da estrada, e o desenvolvimento do ambiente natural do outro. Essa conformação do espaço rural condiz com o pensamento de Wanderley (2009, p.214) quando a autora versa que “no espaço rural diversificado, em que se tornou o meio rural, em cuja paisagem convivem indústrias, serviços, vias de comunicação e distintos tipos de residências ao lado dos estabelecimentos agropecuários, a presença destes diversos grupos sociais pode ser um fator de dinamismo ou uma fonte de conflito”.



Segundo os dados obtidos por meio de conversas informais, a relação da agroindústria em Mergulhão é tida mais como uma dinâmica de apropriação e de transformação do espaço rural do que conflituosa.

A dinâmica de lenta, entretanto, de gradativa transformação desse espaço se deve ao menos duas condicionantes implícitas. O primeiro fator decorre de o local estar em uma área de preservação ambiental (APA) e que, com isso, gera entraves para a profusão de indústrias na região. O segundo fator se dá pela presença de pequenos lotes de terras disponíveis para compra e venda. Percorrendo a Colônia Mergulhão percebe-se que o repartimento dessas terras se deve às heranças das famílias locais.

Ao mesmo tempo em delimitação do espaço rural da Colônia Mergulhão vem resistindo ao processo de industrialização de seu território, há uma tendência de se incentivar, indiretamente, a vinda de pessoas que venham adquirir esses pequenos loteamentos que, por sua vez, podem ser destinadas a novos empreendimentos, chácaras ou, simplesmente, a residência secundária. Partindo desse pressuposto, que segundo Wanderley (2009, p. 219) alguns estudiosos tem chamado a atenção para a importância crescente da classe média de origem urbana no meio rural. “Esta constrói um discurso próprio sobre ruralidade, tendo como base uma “visão idílica” do meio rural – contato com a natureza e a participação na vida comunitária – que o transforma em um “espaço de amenidades””.

Evidentemente, que a transformação do meio rural, em Mergulhão, perante essa dinâmica vai se tornando cada vez mais heterogênea, constituinte das relações entre o urbano e o rural, do moderno e o tradicional. Como se pode observar na figura a seguir, o efeito da modernização nos últimos anos se apresenta pelas condições de acesso, de iluminação, de moradia e pelo novo cercado que demarca a propriedade de um empreendedor do Circuito de Turismo Rural do Caminho do Vinho. É interessante observar que o heterogêneo se representa, de acordo com a figura, no meio de transporte que preserva uma característica de um pretérito- o uso de tração animal. O uso do cavalo entre os

atores locais (neste caso, normalmente, são os de filhos de produtores rurais que mantém esse hábito) ainda é utilizado para locomoção de curtas distâncias. São tais situações que rebatem o olhar sobre o rural como algo “engessado” ou “imutável”, e que as consequentes ressignificações reafirmam o “rural” acima de tudo como categoria histórica e que se reinventa.

**FIGURA 5 - ARTICULAÇÃO ENTRE O PASSADO E O MODERNO**



**FONTE: O autor (2012).**

A vista retratada nas figuras que percorre o Mergulhão em seu espaço entendido como “rural” traz à luz um ambiente natural diverso onde a visão panorâmica do local há o predomínio de mata de araucárias, que ao mesmo tempo, contrasta com árvores exóticas e os pequenos roçados. Outro detalhe significativo está na possibilidade de perceber como o Rio Pequeno e, sua água sedimentada, corta transversalmente a Colônia Mergulhão. Os sons das águas, das aves e de outros pequenos animais que conformam o ecossistema local integram um repertório que se conjuga ao universo cultural que constrói esse ambiente rural.

A pluralidade material e imaterial via identidade cultural, ambiental e até mesmo econômica vai além da restrição objetiva proposta dentro do Circuito de

Turismo Rural da Colônia Mergulhão. É nesse quadro que esta localidade se distingue em sua ruralidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para além da dimensão normativa e reducionista conceitual do turismo rural, sob o viés de uma sociologia rural, demonstramos que a circulação de pessoas no espaço rural da Colônia Mergulhão promove, indubitavelmente, o contato com os modos de vida, com a natureza, diversidade paisagística, a junção entre a realidade pretérita e o moderno, e que não estão ligados, apenas, ao circuito de turismo rural.

O espaço rural de Mergulhão não é imutável, está em processo de reinvenção. Os anseios por infraestrutura, não tem afetado apenas determinados grupos e atores, mas toda a complexidade que está contida no espaço rural. O processo de desenvolvimento social e das condições de vida da localidade não significa o fim do rural. Quando, novamente, se discute as melhorias de acesso, o asfaltamento, a sinalização, não se constitui no fim ou urbanização do rural. Pelo contrário, a melhoria de tais condições pode vir a reforçar a identidade daqueles que preservam seu modo de vida. Nesse sentido cabe refletir o efeito multiplicador que as boas condições de estradas e ruas podem significar ao produtor rural e demais atores sociais locais. Certamente haverá a baixa nos custos de manutenção de transporte, agilidade em escoamento da produção se traduz em menos perdas produtivas, baixa nos custos de produção. Por outro lado essas mesmas facilidades podem ser alvo de atores que gostariam de ter contato com esse espaço de vida.

Talvez seja nesse espaço que o visitante tenha a real possibilidade de observar como as imponências das construções artificiais antrópicas se diferem, concretamente, da criação dos elementos que compõe o ambiente natural.

A Colônia Mergulhão apresenta uma trama social espacial que consagra a nova ruralidade. A reinvenção do rural, também, se apresenta na incipiente



agricultura orgânica em um espaço que sempre foi destinado a produção agrícola com uso de agrotóxicos, na diversidade produtiva agrícola que gera a uma variedade de cores sobre a terra, na reflexividade voltada a preservação da mata virgem. Somando a tudo isso encontramos na pequena criação de animais o resquício simbólico e da história do próprio Mergulhão.

Por fim, mesmo Mergulhão estando tão próxima a um grande centro urbano, a somatória de elementos que, ainda, caracterizam o modo de vida rural, a persistência e, até mesmo, sua resistência em não sucumbir, totalmente, à pressão “urbana”, evidenciam, que o “fim do rural” não se conformará em breve espaço de tempo.

## REFERÊNCIAS

BRANDENBURG, A.; SOUZA, O.T. Políticas públicas, trajetórias de desenvolvimento rural e reprodução social da agricultura familiar. In: FERREIRA, A.D.D. (et.al.), (orgs.). **Do rural invisível ao rural que se reconhece**. Curitiba: UFPR, 2012. p. 255-314.

BRASIL. Ministério do desenvolvimento agrário- MDA. **Programa de turismo rural na agricultura familiar**. Brasília, 2004.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Plano Nacional do Turismo: diretrizes e metas e programas 2003-2007**. 2.ed. Brasília.2003.

CORONA, H.M.P.; FERREIRA, A.D.D. As estratégias de reprodução social da agricultura familiar em suas múltiplas inter-relações. **Do rural invisível ao rural que se reconhece**. Curitiba: UFPR, 2012. p. 109 – 174.

EMBRATUR. **Manual operacional do turismo rural**. Brasília: Embratur, 2004. Disponível em: <<http://www.embratur.gov.br>>. Acesso em 11 jul. 2012.

MAROCHI, M. A. **Imigrantes 1870-1950**: Os Europeus em São José dos Pinhais. Curitiba: Travessa dos Editores, 2006.

MOTTA, E.R.G. **Turismo no Espaço Rural: As transformações socioambientais no Caminho do Vinho em São José dos Pinhais/PR**, 2013, f,132. Dissertação de Mestrado, Curitiba; Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, 2013.

QUEIROGA, J.L. Sistemas Agrários: expressão e estratégias de reprodução da agricultura familiar na diversidade da região metropolitana de Curitiba. **Do rural invisível ao rural que se reconhece**. Curitiba: UFPR, 2012. p. 53 – 108.

SILVA, J.G. O novo rural brasileiro. In: **Revista Nova Economia**, v.7,n.1, p.43-81, 1997.

SILVA, J.G.; CAMPANHOLA, C. O agroturismo como nova fonte de renda para o pequeno agricultor brasileiro. In: ALMEIDA, J. A.; RIEDL, M. **Turismo Rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. BAURU: Edusc, 2000. p. 145-179.

WANDERLEY, M.N.B. **Olhares sobre o “rural” brasileiro**. Campina Grande, v.23, nº 01 e 02, Jan- Dezembro, 2004. Disponível em: <[http://www.ufcg.edu.br/~raizes/artigos/Artigo 3.pdf](http://www.ufcg.edu.br/~raizes/artigos/Artigo%203.pdf)>. Acesso em 10 nov. 2012.

\_\_\_\_\_. **O mundo rural como espaço de vida**: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade.